

O espelho da «saudade de conversar contigo» (cartas de Sophia a J. de Sena)

Teresa Araújo

Universidade Nova de Lisboa - FCSH

teresaraujo@fcsH.unl.pt

Data de receção do artigo: 15-09-2014

Data de aceitação do artigo: 20-04-2016

Resumen

Resumo: O conjunto epistolar de Sophia de Melo Breyner endereçado a Jorge de Sena cria por vezes um espelho, face ao qual os textos se enfrentam a si mesmos e se debatem com a sua própria natureza. A sua origem, a sua forma discursiva e material, os seus limites e o seu próprio destino são alguns dos problemas que abordam numa moldura em que o tempo histórico se imiscui dramaticamente. Considerando que a crítica epistolar sublinha esta inquietação como um dos aspectos centrais da carta privada, esta leitura incide sobre este movimento especular à luz de alguns desses contributos teóricos.

Palavras-chave: Sophia de Melo Breyner; carta privada; autorreflexividade.

Abstract

The series of letters from Sophia de Melo Breyner to Jorge de Sena create at times a mirror in which they look upon themselves and struggle with their own nature. The letters' origin, their discursive and material form, their limits and their own fate are some of the problems that trouble them within a framework in which their historical time dramatically intervenes. Considering that epistolary criticism highlights this disquiet as one of the central aspects of the private letter, the approach developed here deals with this specular movement in the light of some theoretical contributions.

Keywords: Sophia de Melo Breyner; private letter; self-reflexivity.

As datas de nascimento de Sophia de Mello Breyner e de Jorge de Sena, como notou Fátima Freitas Morna em «Senhores que podem morrer», fizeram os dois vultos «quase gémeos e, portanto, afins e familiares de um tempo do mundo a que a poesia de ambos havia de dar voz» (Morna, 2005: 9). A observação, escrita a propósito da presença de Sophia numa antologia poética organizada por Sena, não podia ter mais oportunidade no contexto da correspondência trocada entre ambos ao longo do autoexílio político de Sena no continente americano (Mello Breyner, Sena, 2010). Com efeito, afastados a partir de 1959¹, as missivas que redigiram ainda nos primeiros anos da Democracia portuguesa e últimos da vida de Sena² afiguram-se um «lugar de manifestação de [...] Amizade, talvez o mais alto e mais misterioso sentimento humano» (Sousa Tavares, 2010: 16-17).

Anteriormente à sua relação epistolar, as respetivas famílias tinham privado intimamente. «Que saudades tenho de o ver aparecer para almoçar naquelas suas visitas que eram para nós sempre uma festa» (Mello Breyner, 2010: 89), confessou Sophia recordando o convívio que fora estreitado pelas afinidades políticas e pela participação de ambos no mundo literário da época que lhes tocou viver. Relembrando também esta partilha intelectual, escreveu a autora: «Tenho andado muito solitária, bastante desenganada de literatos e sinto muito a sua falta, neste deserto intelectual» (2010: 77). Sena, por seu lado, não deixou de assinalar a efeméride que lhes era comum, «nestas vésperas de aniversário meu e da Sophia, com as melhores esperanças de que, em breve, possamos respirar juntos outro ar» (2010: 30) ou de enviar felicitações pela atribuição do Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores pelo *Livro Sexto* (Mello Breyner, 1962), apesar de ele próprio ter nutrido algumas expectativas relativamente a ser ele o agraciado, «a não ganhar eu, desejava ardentemente que ganhasse a Sophia que eu estimo e considero» (Sena, 2010: 83).

Claudio Guillén, em «La escritura feliz: literatura y

¹ Algumas cartas escritas por Sena refletem reencontros esporádicos (2010: 113, 150), embora apenas um em Lisboa. De facto, o ensaísta e escritor visitou Portugal após a Revolução de 25 de abril, mas não terá encontrado oportunidades profissionais para regressar ao país definitivamente (Mécia de Sena, 2010: 147).

² Período lacerado pela impossibilidade da reconciliação com o país natal (Sena, 2010: 147-148) e pela (já anterior) desilusão americana, nomeadamente face à vitória eleitoral de Richard Nixon (Sena, 2010: 143).

epistolaridad» (1998: 177–233), referiu-se ao que considerou ser o mais puro exercício epistolar evocando também a ideia de amizade. Com efeito, retomando a imagem poética de Demétrio, uma «expresión de la amistad» enviada a «modo de regalo» (Guillén, 1998: 200), o crítico sublinhou a analogia da tensão constitutiva da prática epistolar com a da manifestação do afeto profundo. Segundo expôs, uma e outra nascem do impulso do «desejo» de comunicação intensa, espontânea e imediata que é revigorado pelo afastamento físico dos sujeitos e ambas se constituem a partir da experimentação ansiosa de modos expressivos de representação ilusoriamente autêntica (não ficcional) do diálogo sem intermediação e do vivido na ausência (1998: 198–202). Precisou seguidamente Guillén que a carta gerada pela ambição de alcançar o que não atinge decalca na sua compleição a estrutura do desejo ao qual responde. E adiantou que, apesar de não realizar o colóquio imediato e de nem sequer o substituir, acrescenta-o ao utilizar expedientes que o diálogo presencial não utiliza. Um deles, mais frequente em casos felizes da epistolografia contemporânea, é a autorreflexividade textual.

Tal como referi há pouco a propósito das palavras de Fátima Freitas Morna e Maria A. Sousa Tavares, as afirmações de Claudio Guillén afiguram-se particularmente ajustadas, sobretudo às missivas de Sophia presentes no mencionado conjunto epistolar. Embora todo o acervo seja estância dessa profunda partilha, é nas cartas de Sophia que transparece de forma mais pungente o entendimento de que esses textos provêm do anseio de conversação, mas que respondem sempre malgradadamente ao que os impulsiona. São também estas missivas que mais claramente «acrescentam» com o gesto de autorreflexão textual o que não igualam nem substituem. Ponderam sobre a sua origem, a sua forma discursiva e material, os seus limites e a incerteza do seu próprio destino, problematizando-se a si mesmas numa moldura configurada pela conturbação do seu tempo histórico. Como veremos, manifestam de forma lacónica e frequentemente lacunar a reflexão, mas perguntamo-nos (tal como Claudio Guillén) se não corresponderá este modo de expressão à própria linguagem do «desejo» que as impulsiona. Observemo-las, então.

Logo uma das primeiras missivas mostra o pendor especular destes textos. Face a si mesma, a carta inquieta-se e busca a diagnose da estranheza que em si própria reconhece, «não sei o que me falta para escrever cartas» (Mello Breyner, 2010: 35). A causalidade

aludida é diversa, oscilando entre a ambicionada organização da escrita e a adversidade do cotidiano à redação da carta. Mas a progénie insistentemente referida ao longo do acervo epistolar consiste na «saudade de conversar contigo» (Mello Breyner, 2010: 118), isto é, no «desejo» do diálogo presencial de outrora inviabilizado pelo afastamento. No entanto, esta ambição – que se pressente nomeadamente na insistente busca e na constante provocação de resposta contidas nas expressões «peço-lhe que me diga», «[e]screva sempre que puder», «[e]screva, dê-nos notícias», «[p]eço notícias» (Mello Breyner, 2010: 78, 89, 147, respectivamente) – nunca se afigura concretizada ao olhar das próprias cartas, sendo a tensão entre desejo e frustração a matriz reconhecida da compleição das cartas: «é sempre difícil escrever tudo o que se quer dizer» devido ao «desânimo em frente da distância» (Mello Breyner, 2010: 57 e 89, respetivamente).

Em articulação com a consciência de malogro e com a impaciência que acompanha por vezes o sentimento de fracasso, «você sabe que eu tenho a maior vocação para falar ao telefone e nenhuma vocação para escrever cartas» (Mello Breyner, 2010: 33), surge o reconhecimento atormentado do atrito que é inerente não só ao exercício epistolar (que, mesmo sem o pretender, se acerca da literatura) como também ao de toda a criação literária. É insistentemente aludida a resistência da linguagem à sua apropriação que dificulta a inscrição *autêntica* do pensamento e do real vividos no afastamento dos sujeitos: «Gostaria de lhe contar tudo o que vi [...]. Mas sinto que só sei falar mal disto tudo» ou «[n]ão sei se me explico bem» ou, ainda de forma mais assertiva: «Creio que isto está muito mal dito e não consigo “agarrar” o que quero dizer» (Mello Breyner, 2010: 81, 89, 117, respectivamente). Claudio Guillén fez equivaler esta preocupação ao preço da audácia da redação da carta realizada com a «ilusión de no ficcionalidad» (Guillén, 1998: 177), advertindo que o custo (o desassossego) é tanto mais intenso quanto mais a redação avança por terrenos literários (Guillén, 1998: 198-202).

Ora, as cartas de Sophia, pretendendo inscrever a vivência do quotidiano com a proximidade e a espontaneidade máximas, enveredaram com frequência por caminhos poéticos, como mostram as impressões sobre a Grécia irradiadas de efeitos literários e meta-literários ou a descrição dos dias em Lagos (Mello Breyner, 2010: 50) ou os poemas incorporados em certas missivas, fraturando e

recompondo o discurso epistolar (Mello Breyner, 2010: 55, 81, 94). Observemos o seguinte fragmento:

Fui de automóvel com a Agustina B. Luís até Brindisi onde tomamos o barco. [...] Foi como se eu me despedisse de todos os meus desencontros, todas as minhas feridas e acordasse no primeiro dia da criação num lugar sempre pressentido. Sobre a Grécia só o Homero me tinha dito a verdade: mas não toda. O primeiro prodígio do mundo grego está na Natureza [...]. Sob o sol a pique, numa claridade indescrevível, o ar é tão leve que nos torna alados e o menor som se recorta com uma inteira nitidez. As enormes e constantes montanhas povoam tudo de solenidade. Cheira a resina e a mel e há uma embriaguez austera e lúcida. Mas tanto como a natureza – e ligada à natureza – espantou-me a incrível religiosidade de tudo. [...] É uma religiosidade tão nua, tão funda, tão intensa, tão solene como eu nunca tinha sentido. É uma atitude de ligação com o real que está presente em todas as coisas. Só em Ésquilo se pode encontrar um reflexo deste espírito que está presente, inteiramente presente, nas ruínas despedaçadas dos templos gregos. [...] O que há de extraordinário ali é que o mistério é à luz do sol (Mello Breyner, Sena, 2010: 80–81).

Como facilmente se reconhece por este excerto, as missivas de Sophia tinham de suportar fatalmente o preço dessa «angústia retórica» decorrente, em última instância, da problemática condição literária da carta, como notou entre outros o crítico espanhol (Guillén, 1998: 198-202). Além de que teriam, naturalmente, de refletir a exigente experiência da poeta, contista e dramaturga que irrompe frequentemente nas cartas – não só quando aludem à vida literária, como acabou de se observar.

As missivas debruçam-se igualmente sobre a temporalidade da sua redação, distinguindo-a do tempo desejado, bem como do que é imposto pelas circunstâncias externas. «Escrevo-lhe a correr no meio das compras de Natal. Quando é que lhe escreverei, como queria, demoradamente» e «só agora respondo porque quando estou em minha casa nunca tenho sossego, para escrever nem nada» (Mello Breyner, 2010: 36 e 127, respetivamente), por exemplo, são manifestações da percepção da diferença irredutível dos referidos tempos e, nesse sentido, conduzem-nos facilmente às reflexões de um outro poeta que cultivou profusamente a carta com, entre outros, o pai de Claudio Guillén (Salinas, Guillén: 1992).

Com efeito, Pedro Salinas, na sua «Defensa de la carta misiva» (Salinas: 1993), discorreu igualmente sobre a duração da escrita da carta (detalhando-a, desde o momento inicial da inscrição do local, da data e do nome do destinatário, até ao gesto derradeiro, da despedida e assinatura) e também concebeu o tempo de redação como um elemento inerente à própria carta, ditado pelos imperativos da missiva, e desigual de qualquer outro, inclusivamente do que é estabelecido pelo sujeito para a redação. Ao expor a ideia de a duração da escrita da carta obedecer sobretudo aos requisitos impostos pelo texto epistolar, argumentou com o exemplo da narrativa sobre o fabrico dos móveis que encomendara ao «ebanista hispalense» (Salinas, 1993: 53–54). Referiu que, depois do ensamblador ter concordado com o prazo de entrega das peças e de a conclusão da obra ter ultrapassado a data estabelecida, abordou o artífice interrogando-o sobre a demora e este retorquiu à sua impaciência com a declaração de um sábio princípio que Salinas considerou ser plenamente aplicável à carta: «Misté, Don Pedro, a los muebles hay que darles lo suyo» (Salinas, 1993: 54).

As cartas de Sophia foram concluídas sempre em menor tempo do que ela própria desejava (Mello Breyner, 2010: 62, 66, 71, 72, 91), anseio constante do verdadeiro escritor de missivas, como também notou Salinas (Salinas, 1993: 55-57). «Escrevo a correr. [...] Como lhe disse escrevo a correr. [...] Escrevo a correr» (Mello Breyner, 2010: 71 e 72), notam insistentemente. Mas tal como a obra de marcenaria, a duração da sua «manufatura» correspondeu aos imperativos das próprias cartas. Assim como os móveis só foram concluídos e entregues quando o tempo requerido por si mesmos foi completado, as cartas de Sophia, ao seu próprio olhar, também tiveram a duração que elas próprias exigiam.

Como dizia, a maior parte delas não correspondeu nem ao tempo desejado de escrita, nem ao que as adversas circunstâncias do quotidiano lhe proporcionavam. Uma das exceções é o da missiva terminada com a referência ao modo intempestivo do seu final: «Acabo a correr. Mil saudades» (Mello Breyner, 2010: 120). A outra consiste numa carta redigida numa viagem de avião: «Estamos a chegar a Paris por isso vou acabar a carta» (Mello Breyner, 2010: 154). Não obstante, uma e outra, ao advertirem para o seu desfecho imposto por causas externas, manifestam a convicção de que o tempo de elaboração da carta obedece sobretudo aos injuntivos da própria missiva, ainda que «escrita aos pedaços» e «interrompida

pelo vai e vem da casa» (Mello Breyner, 2010: 139 e 118, respectivamente).

Esta ideia da descontinuidade de redação também foi esboçada nos textos de Sophia a propósito da reflexão sobre a forma discursiva «desconexa e confusa» (Mello Breyner, 2010: 118) das cartas, a qual chegou a obrigá-la ao pedido de benevolência do destinatário: «Desculpe uma carta tão desordenada» (Mello Breyner, 2010: 34). À intermissão da escrita atribuem o seu fragmentarismo e demais transgressões à linearidade discursiva. Contudo as lacunas, as elipses e outras fracturas do discurso linear são perspetivadas de forma mais complexa.

Por um lado, a sintaxe desordenada é explicada pela sua matriz pulsional, por a carta decalcar a estrutura do desejo que impulsiona. Como vimos, vários textos de Sophia reconhecem ser o anseio de conversação directa o motor do desvio discursivo: a carta «quer dizer tudo acaba por não dizer nada ou quase» (Mello Breyner, Sena, 2010: 118). Por outro, é justificada pelo que Guillén designou, segundo se expos anteriormente, por «ilusión de no ficcionalidad»: pela miragem da carta inscrever *autenticamente* o turbilhão do pensamento e da vivência do dia-a-dia: «Esta carta devia ser mais detalhada e mais clara. Mas eu própria neste momento não consigo ver claro» (Mello Breyner, Sena, 2010: 56),

Foi assim que acabei *O Cristo Cigano*. Lembra-se? Está pronto, nem sei como. É diferente das minhas outras coisas. O mundo da *Poesia*, do *Dia do Mar*, do *Coral* morreu e o mundo do *Mar Novo* foi ultrapassado. Porque é que escrevo versos? Aliás agora não faço versos como dantes. Faço «uma coisa». O Francisco diz todos os dias que lhe vai escrever. (Mello Breyner, Sena, 2010: 34).

Em todo o caso, a inquietação motivada pela estrutura discursiva é apenas uma face da preocupação mais ampla que é manifestada relativamente à legibilidade das cartas, sendo a outra faceta a que surge da observação da materialidade das missivas. Antes porém de observarmos a reflexão sobre os aspetos físicos, vejamos ainda que as cartas procuram fazer ultrapassar a percepcionada transgressão discursiva e favorecer a comunicação afortunada, a possibilidade do «receptor empírico» (Guillén, 1998: 188-189) compreender a missiva. Frequentemente, introduzem referentes extratextuais partilhados pelos dois sujeitos que permitem

estabelecer um protocolo de leitura colaborativa, nomeadamente a invocação da memória comum do convívio e da familiaridade anteriores ao afastamento físico (a qual entretece simultaneamente a aludida «expresión de la amistad»): «Lembra-se?», «você sabe», «como sabes» (Mello Breyner, 2010: 33 e 128, respectivamente).

Uma das apreensões face à materialidade das cartas advém da caligrafia que veem imperfeita: «Espero que compreendas a minha péssima letra» (Mello Breyner, 2010: 129). O aludido poeta da Generación del 27 valorizou a caligrafia das cartas, em virtude de, sublinhou, constituir o único vestígio da corporalidade de quem escreve e, nessa medida, corresponder ao efeito dos músculos e do sangue no rosto e nos gestos que fazem parte nobre da conversação presencial (Salinas, 1993: 48-49). As cartas de Sophia, porém, temem o traço pela incorreção da sua caligrafia comprometer o desiderato epistolar. Nessa medida, tal como relativamente à transgressão discursiva, ambicionam a colaboração habilitada do seu destinatário: «Espero que compreendas a minha péssima letra» (Mello Breyner, 2010: 129).

O seu olhar crítico recai igualmente sobre o papel utilizado e as marcas dos utensílios de escrita:

Estou-lhe a escrever com duas esferográficas estragadas e num papel que esborrada. Apetecia-me mesmo recomençar esta carta de novo porque está com péssimo aspecto gráfico (Mello Breyner, 2010: 34).

A observação – que pretende inscrever sem ficcionalização as condições de redação, mas na verdade *re-cria* o à vontade fraterno da convivência perdida – parece incidir tão somente sobre as condições materiais da carta. No entanto o seu alcance crítico é *metafísico*, por se encontrar associada às que recaem sobre a forma discursiva e visar, como elas, o problema da legibilidade das missivas que, a seu ver, agrava o do malogro da ansiada conversação presencial (Mello Breyner, 2010: 33 e 35, *passim*).

Por fim, reparemos na reflexão sobre a sua privacidade. Não são abundantes as que manifestam a convicção que se entrevê na explicação do apoio de Sophia à candidatura de Miguel Torga ao Prémio Nobel:³ «Só te digo isto a ti porque a carta da Academia

³ A razão invocada na carta foi de natureza estratégica, para não prejudicar a atribuição do Prémio a um escritor português. Explica que Sophia, embora tivesse

Sueca me pede silêncio sobre o meu voto por isso te peço que não fales disto a ninguém» (Mello Breyner, 2010: 154). A maior parte das missivas problematiza-a, desenvolvendo a sua reflexão crítica em dois quadros diferenciados: um, procurando compreendê-la no contexto do tempo histórico em que são escritas e outro, discutindo-a do ponto de vista da natureza da própria carta.

As que mais intensamente refletem o recrudescimento das ações persecutórias e repressivas do Estado na última fase da Ditadura⁴ questionam os limites da sua privacidade, relacionando-os com a atuação policial de controle à correspondência dos opositores ao Regime.⁵ Naturalmente, as que foram posteriores à missiva que menciona o arresto, na residência de Sophia, das missivas enviadas por Sena (Mello Breyner, 2010: 65 e 66) problematizam com maior veemência esta dimensão (Mello Breyner, 2010: 66), pelo que pedem insistentemente a confirmação do seu recebimento (Mello Breyner, 2010: 56 e 57, *passim*), formulam a possibilidade de não chegarem ao seu destino (Mello Breyner, 2010: 67, 105, *passim*) e detêm-se sobre o envio como parte da comunicação epistolar. Para além de aconselharem Sena a usar da «maior prudência quando [...] escrever» (Mello Breyner, 2010: 55), expõem a sua própria estratégia de ludíbrio à possível intercepção ao controle policial e político da correspondência.

Duas destas últimas mencionam a escolha criteriosa do local e do momento para abordarem certos assuntos e inclusivamente para a

indicado previamente à Academia Sueca o nome de Jorge de Sena a pedido da própria instituição, subscrevia a nova candidatura. Precisa a carta: «escrevi de novo à Academia Sueca explicando que mantinha o voto em ti mas que também apoiava uma candidatura do Torga dado que ambas eram candidaturas com grande qualidade e dignidade» (Mello Breyner, 2010: 154).

⁴ O agravamento do controle surgiu em resposta a uma série de acontecimentos bem conhecidos. Estão entre eles o assalto liderado por Henrique Galvão ao paquete Santa Maria em águas das Caraíbas (22 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1961), as intencionas de golpe de Estado – a Abrilada, dirigida pelo então ministro da Defesa Júlio Botelho Moniz (entre 11 e 13 de Abril de 1961) e a chefiada por Varela Gomes e Manuel Serra com a colaboração de Humberto Delgado no quartel de Beja (31 de Dezembro de 1961) –, a Guerra Colonial a partir de 1961 e as crises académicas posteriores a 1962.

⁵ O organismo com poderes e competências de controle (Policia de Vigilância e Defesa do Estado) foi criado pelo Decreto-Lei N.º 22756/33, simultaneamente à Constituição de 1933, mas foi posteriormente reestruturado pelos Decreto-Lei N.º 35046/45 (Policia Internacional e de Defesa do Estado) e Decreto-Lei N.º 49401/69 (Direção Geral de Segurança) no sentido da intensificação das suas competências.

sua expedição: «Estou a contar-lhe isto tudo [a partir do Rio de Janeiro] porque aproveito a oportunidade de pensar que o meu correio aqui não é aberto» ou «só agora, por prudência, mando a carta» (Mello Breyner, Sena, 2010: 93 e 66, respectivamente). Outra, inclusivamente, previne Sena para a infração cometida a um dos protocolos do envio da carta, a inscrição de um destinatário no envelope que não coincide com o receptor da missiva: «Pus endereço para a Mécia por prudência» (Mello Breyner, Sena, 2010: 65). Em boa verdade, Mécia figura em várias cartas como elemento terceiro do contrato epistolar de Sophia e Sena, isto é, como um leitor que, não sendo receptor, é solidário dos dois atores das missivas. Em todo o caso, a advertência, assim como os outros procedimentos e receios supõem a noção da relatividade da dimensão particular da carta, com a possibilidade da missiva privada ser conduzida para espaços de perda de exclusividade sem qualquer controle por parte de quem a redige.

Outras missivas menos marcadas pela situação política exprimem a mesma consciência de privação do domínio da carta por parte do emissor empírico e a mesma ideia da imprevisibilidade do destino da missiva. No entanto, estes textos parecem atribuir à peculiaridade da epistolografia as duas condições – como o fizeram alguns críticos com base em *La carte postale* (Derrida, 1980), como sublinhou Pagés-Rangel (1997: 21), e como também o tinha feito Pedro Salinas. Com efeito, o acaso do destino da carta levou o poeta espanhol a comparar a missiva à carta dos naipes «[p]orque toda carta, la sota de cartulina, o las de la monja Eloísa a Abelardo, es un albur. Hadadas están por el azar, así las que se juegan como las que se escriben» (Salinas, 1993: 47) e a afirmar que

no está en la voluntad del hombre – ése es el misterio de la carta, el mismo de cualquier obra literaria – asegurarse de que su carta llegará a donde desea. Algunas cartas de pura y simple intención se pierden por los correos, sin que se sepa como, y nunca llegan a las manos que se quería. Otras del mismo linaje, que probablemente no aspiraban a pasar de una persona [seguramente como as de Sophia], llevan dentro carga de espíritu tan propulsora, que traspasan su propósito y se las entrega, finalmente, a la humanidad. Y algunas – quién sabe si muchas en estos tempos modernos – que, al contrario, disimulan su empeño bajo artificiosa naturalidad, van asestadas, capciosamente, a la gloria, y se quedan cortas, y mueren faltas de aliento, ignoradas (*ibidem*).

Nalgumas missivas de Sophia, quer a possibilidade das cartas não serem lidas pelo seu destinatário devido a imponderáveis, quer a perda de controle do emissor empírico sobre a carta após o seu envio, afiguram-se constituintes epistolares. O texto redigido em Lisboa após uma viagem pelo Brasil não atribuiu a demora da entrega de cartas expedidas do continente americano e a sua possível perda senão ao risco natural (genológico, segundo formula a teoria) de não ser recebida pelo seu leitor único e singular: «Do Rio lhe escrevi uma carta mas não recebi resposta sua. É possível aliás que as cartas tenham demorado e a sua resposta se tenha perdido pois mudei de hotel a meio da minha estadia» (Mello Breyner, 2010: 99). Outras cartas manifestam a mesma noção: «Obrigada pela sua carta de Natal que se cruzou com a minha que espero tenha recebido» (Mello Breyner, 2010: 40), «[n]ão sei se recebeu o meu postal da Grécia» (Mello Breyner, 2010: 80). Refletem a ideia de ser inerente à carta quer a quebra de poder sobre a carta, por parte do emissor empírico, após o seu envio, quer a sujeição da missiva a um destino que pode ou não coincidir com «la voluntad» geradora do próprio texto.

Naturalmente, as cartas de Sophia não são um tratado epistolar. Em todo o caso, enveredam por terrenos autorreflexivos, na busca incessante de «acrescentarem» a conversação ansiada, como observamos nas que foram publicadas e como se pode suspeitar nas que não foram expedidas ou sequer concluídas ou ainda nas que foram rasgadas: «Há dias arrumando papéis encontrei cartas minhas para ti que nunca seguiram», «[c]omecei e quase acabei várias cartas em que te agradecia os teus dois livros», «[e]screvi-lhe uma longa resposta mas rasguei-a» (Mello Breyner, 2010: 153, 137, 62, respetivamente).

À escrita de todas elas, não presidiu o desalento, que era para Sophia um obstáculo ao carteio com o seu destinatário, segundo confessou pouco antes do Natal de 1964, «o meu silêncio epistolar significa além da falta de tempo, o meu desânimo em frente da distância» (Mello Breyner, 2010: 89). Prevaleceu, sim, a energia do desejo de colóquio fraterno e a ousadia da miragem da inscrição *autêntica* da vivência interior e do quotidiano – resultando desta temeridade os efeitos de realidade comuns a toda a carta (Violi, 1987: 94) –, que presidem à manifestação epistolar da «profundíssima amizade» (Mello Breyner, 2010: 175) que Sophia

verteu também em verso: «E agora chega a notícia que morreste/ A morte vem como nenhuma carta» (Mello Breyner, 2010: 159).

Bibliografia

- Derrida (1980): Jacques Derrida. *La carte postale de Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Flammarion.
- Guillén (1998): Claudio Guillén, «La escritura feliz: literatura y epistolaridad», in *Múltiples moradas. Ensayo de Literatura Comparada*, Barcelona, Tusquets, pp. 177–233.
- Mello Breyner (1962): Sophia de Mello Breyner, *Livro Sexto*, Lisboa, Livraria Morais Editora.
- Mello Breyner (2010): Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, *Correspondência. 1959-1978*, 3ª. ed. com 9 textos inéditos, Lisboa, Guerra & Paz, pp. 33-34, 35-37, 38-41, 50-57, 62-67, 71-72, 76-82, 86-94, 99-100, 103-108, 115-120, 127-130, 133-135, 137-139, 145-147, 153-159 (1ª. ed., 2006).
- Mello Breyner, Sena (2010): Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, *Correspondência. 1959-1978*, *op. cit.*
- Mécia de Sena (2010): Mécia de Sena, [carta], in *Correspondência. 1959-1978*, *op. cit.*, pp. 147-148.
- Morna (2005): Fátima Freitas Morna, «Senhores que podem morrer (meditação acerca de um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen)», in Conselho Directivo da FLUP, Conselho Científico da FLUP (org.), *Estudos em Homeagem a Sophia de Mello Breyner Andresen*, Porto, Faculdade de Letras, pp. 9-30.
- Pagés-Rangel (1997): Roxana Pagés-Rangel, *Del dominio público: itinerario de la carta privada*, Amsterdam, Rodopi.
- Salinas (1993): Pedro Salinas, «Defensa de la carta misiva y de la correspondencia epistolar», in *El defensor*, Madrid, Alianza, pp. 19–113 (1ª. ed. Bogotá, Universidad Nacional, 1948).
- Salinas, Guillén (1992): Salinas, Pedro e Guillén, Jorge, *Correspondencia (1923-1951)*, edición, introducción y notas de Andrés Soria Olmedo, Barcelona: Tusquets.
- Sousa Tavares (2010): Maria Andresen Sousa Tavares, «Nota Prévia», in Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, *Correspondência. 1959-1978*, 3ª. ed. com 9 textos inéditos, Lisboa, Guerra & Paz, pp. 13-19.

Violi (1987), Patrizia Violi, «La intimidad de la ausencia: forma de la estructura epistolar», *Revista de Occidente*, n. 68, pp. 87-99.